

882

COVID-19 E PACIENTES COM DOENÇAS HEMATOLÓGICAS CRÔNICAS: IMPACTOS PSICOSSOCIAIS E RECURSOS DE ENFRENTAMENTO



E.A.O. Cardoso^a, J.H.C.D. Santos^a, P.P.B. Sola^b,
A.D. Rossi^a, S.C. Pillon^c, B.C.A. Silva^a, J.T.
Garcia^a, A.C.S. Pinto^b, L.C.O. Oliveira^b,
M.A.D. Santos^a

^a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de
Ribeirão Preto (USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil

^b Fundação Hemocentro de Ribeirão Preto, Ribeirão
Preto, SP, Brasil

^c Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (USP),
Ribeirão Preto, SP, Brasil

Objetivo: Analisar a percepção dos impactos emocionais e comportamentais da pandemia de COVID-19 em indivíduos com doenças hematológicas crônicas, atendidos em um Hemocentro do interior de São Paulo. **Método:** Trata-se de estudo transversal, descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa. A amostra de conveniência foi composta por 27 indivíduos, 19 mulheres e oito homens, com média de idade de 36,7 anos (DP = 16,7). O diagnóstico mais frequente foi Anemia Falciforme (51,8%). Foi utilizado formulário on-line, cujos dados numéricos foram tabulados e analisados quantitativamente. **Resultados:** A definição mais utilizada para a COVID-19 foi: uma doença derápida disseminação e que pode matar. Essa percepção vem acompanhada por sofrimento emocional: sintomas de ansiedade (n = 19), insônia (n = 15), piora na qualidade de vida (n = 15), pensamentos sobre a morte (n = 15), dificuldade de concentração (n = 14), tristeza (n = 14) e crises de choro (n = 11). Chama a atenção a ideia de suicídio relatada por quatro participantes e o aumento do uso de álcool (n=3); 18 participantes referiram sentir prejuízo em seu bem-estar depois de ouvirem o noticiário diário. A maior parte (n = 19) acredita que o distanciamento social é necessário, mas apenas 44% evitam sair de casa mais de uma vez por semana. Os cuidados mais comuns são: uso de máscara e higienização das mãos com álcool em gel. Ao voltarem para casa, a maioria toma banho, troca a roupa e lava a máscara (74%). A insegurança quanto a sair de casa se estende aos retornos médicos (70%). Apesar do medo, sentem necessidade das consultas presenciais, em especial porque têm dúvidas tais como: quanto aumentado é seu risco e onde farão a testagem e receberão tratamento caso sejam infectados pelo novo coronavírus. O teleatendimento ainda é visto com reserva (63%), apesar de somente quatro terem recebido essa modalidade de intervenção. Quantos aos 15 que receberam atendimento presencial, 60% julgaram que os profissionais foram mais objetivos e menos atenciosos. Apesar dessas injunções, 72% se mostraram satisfeitos com a atuação do SUS durante a pandemia e 52% passaram a ter uma avaliação mais positiva do sistema de saúde público. A principal estratégia para lidar com os desafios atuais é a busca de apoio social, sendo que a maioria se mostrou satisfeita com o suporte recebido (77%); alguns relataram aumento dos conflitos familiares (n = 7), em especial por questões econômicas (nove relataram perda financeira);

52% mencionaram o aumento da fé e a convicção de que, com a pandemia, se tornaram pessoas melhores. Apesar da efetividade dessas estratégias, 56% afirmaram necessitar de atendimento psicológico durante a pandemia. **Discussão:** Os resultados evidenciam o impacto emocional do isolamento social nos pacientes com doenças hematológicas crônicas e a necessidade de adaptação do atendimento pela equipe de saúde. Notou-se que há insegurança quanto à modalidade presencial, mas também certa desconfiança acerca da eficácia do teleatendimento. Considerando-se a importância de prover atenção contínua a esses pacientes, sugerem-se ações de aproximação da equipe na modalidade on-line, que em um primeiro momento podem acontecer de maneira assíncrona, como envio de vídeos informativos. No serviço em questão foram produzidos vídeos de orientação com materiais lúdicos implementado grupo semanal para suporte psicológico remoto aos que manifestaram necessidade de apoio emocional. Tais intervenções têm-se mostrado efetivas no acolhimento dos pacientes.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.884>

883

COVID-19 E SÍNDROME INFLAMATÓRIA MULTISSISTÊMICA SEMELHANTE À DOENÇA DE KAWASAKI: REVISÃO SISTEMÁTICA



P.P.R. Macêdo^a, A.M. Araki^a, G.L.M.
Martinez^a, G.M. Espíndola^a, C.H.D. Garrote^a,
G.T. Fukuya^a, M.B. Porto^a, A.L.R. Prudente^b,
V.S.B. Reis^a, A.M.T.C. Silva^a

^a Pontifícia Universidade Católica de Goiás,
Goiânia, GO, Brasil

^b Centro Universitário IMEPAC Araguari,
Araguari, MG, Brasil

Objetivos: Avaliar a associação entre a infecção pelo SARS-CoV-2 e a síndrome inflamatória multissistêmica semelhante à doença de Kawasaki. **Material e métodos:** Revisão sistemática da literatura, composta por artigos científicos selecionados na base de dados PubMed (n = 11), publicados no ano de 2020, no idioma inglês. Foram utilizados os seguintes descritores: “COVID-19” e “Kawasaki[ti]”, com os filtros: “free full text”, “in the last 1 year”, “humans”, “english” e “MEDLINE”. Foram selecionados 8 artigos e excluídos os estudos com análise de outras variáveis (n = 3). **Resultados:** A doença de Kawasaki (DK) é uma vasculite pediátrica aguda rara e tem como principal complicação os aneurismas das artérias coronárias. O diagnóstico é baseado na presença de: febre persistente, exantema, linfadenopatia, injeção conjuntival e alterações na mucosa e extremidades. De acordo com dados da pandemia da COVID-19, acreditava-se que crianças e adolescentes eram menos afetados, com um curso sintomático mais suave. Porém, verificou-se aumento no número de crianças com fenótipo semelhante à DK, levando a um alerta para os profissionais e as autoridades de saúde. Em um hospital universitário de Paris, foi realizado um estudo, com 21 crianças, sendo que, destas, 57% apresentavam síndrome do choque da DK e 76% miocardite, e dentre elas, 90% tinham evidência de infecção recente por SARS-CoV-2. Na